

# SEGUNDO CADERNO

DOMINGO 22.11.2015  
oglobo.com.br



+tv

## Ousadia na TV

Aos 71 anos, Irene Ravache celebra mudanças na trama de 'Além do tempo', diz que é uma atriz 'desarmada' e não foge de assuntos delicados

PÁGINA 7

### 'O CHATO É SER GOSTOSO'

De pente na mão, gel no cabelo e bigodinho, Mateus Solano vive Zé Bonitinho, imortalizado por Jorge Loredi, morto em março deste ano.



### 'SAMBARILOVE'

Os óculos e a manelôncia deram a Evandro Mesquita ares de Armando Volta, personagem de David Pinheiro, hoje com 65 anos.



### 'ESTOU PORR AQUI'

Marcos Caruso colocou peruca e faixa na cabeça para incorporar Seu Peru, tipo clássico de Orlando Drummond, que tem 95 anos.



### 'SÓ PENSA NAQUILO'

Zezé Macedo, morta em 1999, já foi homenageada no teatro por Betty Gofman, que agora encarna a Dona Bela no remake de "Escolinha"



### 'AMADO MESTRE'

É impossível não se lembrar de Rogério Cardoso, morto em 2003, ao ouvir Marcelo Adnet impostar a voz como Rolando Lero, o aluno enrolão.



### 'BEIJINHO, BEIJINHO, PAU, PAU'

A Cacilda, de Claudia Jimenez, é interpretada por Fabiana Karla, com direito a peruca loura e laçarotes no cabelo, assim como a original.



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

## 'É VAPT-VUPT'

Com elenco renovado, 'Escolinha do professor Raimundo' ganha episódios inéditos no Viva e na Globo

tv

NATALIA CASTRO  
natalia.castro@oglobo.com.br

As risadas da plateia são ouvidas assim que se entra no estúdio F, no Projac. Quando se olha para o cenário, a sensação de *déjà-vu* é inevitável. Nesse momento, Seu Peru, Dona Bela, Ptolomeu, Rolando Lero e companhia saem da memória afetiva e ressurgem ali, diante do professor Raimundo Nonato.

— Lembro de Raimundinho, lá em Maranguape, aquele menininho cabeçudinho, de joelhinho grosso, perninha fina — diz Aldemar Vigário, um dos alunos, apoiado na mesa.

A cena poderia estar numa das muitas edições da "Escolinha do professor Raimundo" nos anos 1990. Mas aconteceu na gravação do remake do humorístico, no fim de outubro. Para celebrar os 25 anos da atração, completados em agosto, e lembrar Chico Anysio, morto em 2012, sete episódios inéditos foram gravados. Cinco entram no ar a partir de amanhã, às 23h15m, no Viva. O pacote completo estreia na Globo em 13 de dezembro.

— Temos essa ideia de reavivar programas antigos, como fizemos com o "Sai de baixo" e o "Globo de ouro". Apresentamos a ideia à direção da Globo no ano passado e começamos a planejar tudo com o Bruno Mazzeo — explica Letícia Muhana, a diretora do Viva. Como muitos atores já morreram e outros estão com idade

avançada, a opção foi escolher gente que tivesse semelhança física ou vocal com o personagem original, para facilitar a identificação do espectador.

— É uma homenagem ao Chico Anysio, o criador, e seus alunos, as criaturas — diz Cininha de Paula, a diretora-geral da atração, que é prima do humorista e dirigiu a versão original de "Escolinha" por oito anos. — No primeiro dia, a vontade de chorar foi horrível. Eu conheci bem cada um, e a saudade bateu forte. Perdi a voz, fiquei afônica. Depois entendi que foi totalmente emocional.

Cabe a Bruno Mazzeo, um dos nove filhos de Chico Anysio, reviver o lendário professor. Idêntico na voz e nos traços, Bruno afirma que interpretar um dos tipos mais icônicos do pai foi "um trabalho intenso de análise":

— Mexeu comigo. Vários filmes passaram na minha cabeça nesses cinco dias que estivemos reunidos. Envolvia meu primeiro trabalho como roteirista (ele escreveu episódios do programa entre 1991 e 1994), envolvia meu pai e meu filho (João, de 10 anos), porque, ao pensar no pai, a gente pensa no filho. O João assistiu à gravação, e foi emocionante. Meus irmãos estavam lá, sobrinhos. Foi uma catarse, e com certeza sai diferente. Foi o projeto mais especial que eu já fiz.

A emoção de Bruno se estendeu ao elenco, que não conteve o choro quando o ator surgiu no set como o professor (ele chegou a ser chamado de Chico três vezes por Cininha). A caracterização, afinal, foi esmerada. E, em alguns casos ficou até difícil reconhecer os atores por trás da maquiagem. De cachimbo em riste e cole-

tão, Dani Calabresa encarnou Catifunda (Zilda Cardoso). O lenço e o "amado mestre" com voz impostada de Rolando Lero (Rogério Cardoso) foram copiados por Marcelo Adnet. Ângelo Antônio incorporou todo o caipirês de Joselino Barbacena (Antônio Carlos), e, com peruca e bigode, como Pedro Pedreira, Marco Ricca brinca que descobriu ser filho de Francisco Milani. Ellen Roche é Capitu (Cláudia Mauro), a escolhida do professor para apagar o quadro, enquanto Fernanda de Freitas vive Marina da Glória (Tássia Camargo), aluna favorita de Raimundo. E Mateus Solano revive Zé Bonitinho (Jorge Loredi).

— Estudei muito. Fazer mais é chegar mais perto. Perto do personagem que cada um deles continua sendo dentro do espectador — diz Solano.

#### HUMOR DE BORDÃO

Lúcio Mauro Filho vive Aldemar Vigário, papel que foi de seu pai, Lúcio Mauro. Mais do que a homenagem em família, o ator diz que precisou "quebrar o gelo" na primeira cena com Bruno:

— Tentei encarar como se eu fosse mais um ator convidado, sem a ligação cósmica e sanguínea que tenho com o programa. O que adiantava o Bruno todo trabalhado na análise e eu todo choroso (risos)? Fechei os olhos, comecei a falar. Quando vi, estava falando há um minuto. Não inventei, estava tudo no texto — diverte-se, numa referência ao pai, famoso por não decorar o roteiro.

O texto tem redação final de Daniel Adjafre, que integrou o humorístico, em 2001, e de Péricles Barros. E mantém a essência do anterior, com o cuidado de explorar temas atuais. A aparição de

cada ator é uma chance para o público relembrar bordões como "Captei vossa mensagem, amado mestre", de Rolando Lero; "Ai eu vou pra galera", de Seu Boneco (hoje, Marcius Melhem); ou "Sabo-lho", de Baltazar da Rocha (Otávio Müller).

— Por conta deles, as pessoas se identificam mais rápido com os personagens — defende Dani Calabresa. — Sempre fui fã, e amava repetir o que o Armando Volta falava: "se sei digo que sei, se não sei digo que não sei. Sambarilove" (risos).

Melhem crê que, embora não esteja em alta na Globo, o humor de bordão "sempre terá lugar":

— Eu curto o humor livre que fazemos no "Tá no ar", mas sou fã de "A praça é nossa" (do SBT). O bordão engessa o personagem quando se torna obrigatório. Mas, espontâneo, é mágico.

O esquema de gravação seguiu o de antigamente: os atores só receberam seus textos. Ou seja, um não tem ideia do que o outro vai fazer.

— Isso gera tensão, ficamos alertas. E, a cada personagem, parece uma escola de samba passando. A gente fica abestalhado. E não sabe o que é texto ou improvisação — observa Adnet.

Para Dani Calabresa, o grande mérito é que os atores estão sempre em quadro, como no teatro.

— Eu vejo os colegas dando risadas do que o outro está falando. A gente se diverte muito. Todos eram fãs do Chico Anysio. Cininha, segura nós!

A produção de novos episódios, porém, é uma incógnita. Caso aconteça, será um projeto para daqui a dois anos, avisa Ricardo Waddington, diretor de gênero da Globo. ●

Veja a crítica de Patrícia Kogut na página 9



### 'QUEM? ELE, RAIMUNDO NONATO'

Lúcio Mauro Filho interpreta o aluno puxa-saco Aldemar Vigário, personagem eternizado por seu pai, Lúcio Mauro, hoje com 88 anos

### 'E O SALÁRIO, Ó!'

O professor Raimundo, um dos personagens mais populares de Chico Anysio, é revivido por seu filho Bruno Mazzeo

